

### *Ninguém duvida da honestidade do Juiz*

O Juiz Souza Netto pode ser o mais honesto de todos os juizes do mundo. Pode ser um modelo de virtudes. Puritano. Inimigo de todos os jogos de azar, inclusive daqueles que nem sempre são de puro azar, como o turfe dos páreos amolecidos. Ninguém está discutindo a honestidade do Juiz Souza Netto, nem como juiz nem como homem. O que, desde o primeiro momento, estamos tentando dizer é da surpresa ante tal sentença de impronúncia prolatada por um magistrado culto e previdente. Através de uma falha, de um gesto de bondade absurda, a Justiça não pode ser transformada numa adúltera calejada pelos pequenos deslizes conjugais ou num proprietário de cavalos de corridas que, de tanto dopar parceiros e enfraquecer páreos, ninguém leva mais a sério. Essa não deve ter sido a intenção do honesto e robespierriano Juiz do Galeão. Dir-se-ia, porém, que ele permitiu, com a sua magnânima decisão em favor dos tarados, que isto acontecesse. A verdade é

que, abrindo as portas da cadeia para que êles saíssem antes de o tribunal apreciar as provas, o Juiz não estava apenas absolvendo “a priori” os filhos mal orientados, mas também todos os pecados, tôdas as taras ou tôda a irresponsabilidade paterna que haviam herdado, libidinosos sem entranhas. De que maneira poderemos, de hoje em diante, frente a essa impronúncia, julgar com severidade os crimes dos larápios, dos contrabandistas, dos assaltantes vindos da miséria das favelas e do desajustamento social dos cortiços, se os juízes libertam, impronunciam, deixam de julgar os filhos de pais ricos, em face do poder político, dos pedidos, dos pistolões, das cartas — razões que acredito não tenham existido no caso em aprêço, mas ao povo se apresentarão como o código de enigma, a decifração do incompreensível, a lógica do ilógico, a razão do sem razão. Do que não deveria ter sido.